



Dois prólogos de César Tiempo para Cansinos Assens: em busca do autor de *Los judios en Sefarad* e *Las luminarias de Janucá*

Two Prologues by César Tiempo for Cansinos Assens: In Search of the Author of *Los judios en Sefarad* and *Las luminarias de Janucá*

Luiz Carlos de Barros Silva*

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) | Recife-PE, Brasil

luiz.carlosbarros@ufpe.br

Resumo: Este artigo objetiva analisar dois prólogos escritos por César Tiempo para edições argentinas de livros de Rafael Cansinos Assens. Nesses textos, Tiempo busca validar, para os leitores das editoras judaicas Israel e Candelabro, a autenticidade de Cansinos Assens, um autor constantemente envolvido, de maneira marrana, com uma ficção pessoal indelével. Integra o objetivo deste estudo ressaltar a importância de César Tiempo – personagem infelizmente obliterado – para difusão e edição de Cansinos Assens.

Palavras-chave: César Tiempo. Rafael Cansinos Assens. Marrano.

Abstract: This article aims to analyze two prologues written by César Tiempo for Argentine editions of works by Rafael Cansinos Assens. We note that, in these texts, Tiempo seeks to validate for the readers of the Jewish publishers Israel and Candelabro the authenticity of Cansinos Assens, an author constantly involved, in a Marrano way, with an indelible personal fiction. The objective of this study is to emphasize the importance of César Tiempo – a figure unfortunately obliterated – for the dissemination and publication of Cansinos Assens.

Keywords: César Tiempo. Rafael Cansinos Assens. Marrano.

*“Cansinos existía, pues. Existe.”*¹ Reafirmar a existência concreta de Rafael Cansinos Assens era uma necessidade para César Tiempo ao prefaciар os livros do escritor andaluz. Isso porque Cansinos havia se convertido, há muito tempo, em um personagem borgeano, assim como Averróis, Emma Zunz, Pierre Menard, John Wilkins e Funes. Jorge Luis Borges, que conhecera o *maestro* Cansinos nos borrosos anos juvenis, havia traçado a imagem de certo homem judeu que lera todos os livros do mundo, fossem eles manuscritos ou impressos; que transitava, sem se perder, em um labirinto de livros e podia decifrar os caracteres de qualquer língua moderna ou antiga:

* Mestre pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

¹ Tiempo, 1961, p. 12.



Cansinos era um leitor voraz. Havia traduzido *Comedor de ópio*, de De Quincey, as *Meditaciones*, de Marco Aurélio, do grego, alguns romances de Barbusse e as *Vidas imaginárias*, de Schwob. Mais tarde empreenderia a tradução das obras completas de Goethe e Dostoiévski. Também fez a primeira versão para o espanhol d' *As mil e uma noites*, que é muito livre, se comparada à de Burton ou à de Lane, mas cuja leitura é, em minha opinião, mais agradável. Uma vez fui vê-lo e ele me levou a sua biblioteca. Ou talvez deva dizer que toda a sua casa era uma biblioteca. Tinha-se a sensação de atravessar uma floresta. Era demasiado pobre para ter estantes, e os livros estavam amontoados do chão até o teto, obrigando-o a abrir passagem entre as pilhas. Sentia que Cansinos era todo o passado daquela Europa que eu estava deixando para trás: algo parecido com o símbolo de toda a cultura, ocidental e oriental. [...] A mim ele deu, sobretudo, o prazer da conversa literária. Também me estimulou a ampliar minhas leituras. Ao escrever, comecei a imitá-lo. Suas frases eram longas e fluentes, com sabor nada espanhol e muito hebraico.²

Esse “Rafael Cansinos Assens borgeano”, que “bebeu como quem bebe um profundo vinho os Salmos e o Cantar da Escritura”,³ perdurou no imaginário dos escritores e intelectuais argentinos e espanhóis exilados após a Guerra Civil. Cansinos, andaluz residente em Madri, ultraísta e autor de livros judaicos, havia sido proscrito e se mantinha quase incomunicável. Contudo, uma pergunta parecia irretorquível: Cansinos Assens era, de fato, uma pessoa ou um mito literário? Ainda existia?

O mito do “Cansinos borgeano” pairava sobre o “Cansinos real”, como ainda persiste. Isso se deve à quase total ausência, por muitos anos, de dados biográficos confiáveis. Nos anos tumultuosos que se seguiram à Guerra Civil, como poderiam saber se ainda vivia aquele autor que, no passado, apadrinhara gerações de novos poetas e foi mestre do ultraísmo, cujo nome agora se via imerso no mais completo anonimato, recluso em algum escritório na Espanha franquista?

Nos dois prólogos escritos para as edições argentinas de Cansinos, César Tiempo responde aos leitores das editoras judaicas Israel e Candelabro esta pergunta: quem é, de fato, Rafael Cansinos Assens? A resposta de Tiempo não desestima o “mito Cansinos”, mas, antes, o confirma. Este artigo objetiva analisar as respostas de César

² Borges, 2009, p. 22.

³ Borges, 1974, p. 915.



Tiempo a essas questões, além de ressaltar sua relevância intelectual como difusor, incentivador e editor dos livros de Cansinos.

César Tiempo: escritor, editor e divulgador

César Tiempo,⁴ nascido Israel Zeitlin, escritor, editor, jornalista, dramaturgo e roteirista de cinema, faz parte de um numeroso contingente de judeus ucranianos que migraram à América do Sul nas primeiras décadas do século XX, fugindo das crescentes ondas de antissemitismo. Nasceu em 1906, na cidade de Dnipro, a pouco mais de 500 quilômetros de Chechelnyk, cidade natal de Clarice Lispector, e completou o primeiro ano de vida em Buenos Aires. Assim como Rafael Cansinos Assens, Tiempo ainda não dispõe de qualquer obra biográfica rigorosa, embora o trabalho de compilação da sua correspondência já tenha sido feito, muito recentemente, por Solana Schwartzman (2022).

Essas cartas de César Tiempo abordam uma Argentina que já não existe, mas da qual ainda restam vestígios indestrutíveis: o primeiro peronismo, o embate entre Boedo e Florida, o antissemitismo de Hugo Wast, as reflexões sobre a imigração e a integração ao nacional, além de teatro, livros e contato com figuras fundamentais como Roberto Arlt, Jorge Luis Borges, Alberto Gerchunoff, Raúl González Tuñón e Elías Castelnuovo. São cartas de um homem profundamente imerso no cenário literário argentino da época.

A obra e a vida de César Tiempo têm um compromisso, quase exclusivamente, com os temas judaicos. Com apenas vinte anos, em 1926, publica, incognitamente, a elogiada coletânea *Versos de una...*, um livro de poemas líricos que, supostamente, expressam as penúrias e a experiência marginal de uma prostituta judia-ucraniana chamada Clara Beter.⁵

Ao contrário de outros escritores judeus contemporâneos, Tiempo seguiu uma trajetória pública que sempre refletiu com orgulho suas raízes culturais judaicas e sua cidadania argentina. Ele fez isso desde sua vida boêmia e poética, com seu compromisso social com os poetas de Boedo, passando por seus cargos públicos nos governos peronistas, até sua participação na *Academia Porteña do Lunfardo*. Tanto que, em 1935, não se furtou a criticar duramente o então diretor da Biblioteca Nacional,

⁴ Seguindo Roniger (2023), podemos apontar que o nome vernáculo e “*altamente porteño*” César Tiempo se deve a uma derivação do sobrenome paterno, Zeitlin, já que *Zeit* em alemão e em iídiche significa “tempo” e *lin* remete ao verbo espanhol *cesar*. A princípio, os nomes Israel Zeitlin e César Tiempo eram empregados de maneira paralela.

⁵ “*El prostituto era yo*”, confessaria Tiempo (1998) mais tarde.



Gustavo Martínez Zuviría, quem, sob o pseudônimo de Hugo Wast, tornou-se um popular escritor de romances de cunho antissemita, como *Kahal e Oro* (1935). Esses romances narram, seguindo a trama de *Os protocolos dos sábios de Sião*, o suposto plano dos judeus para alcançar a dominação do mundo. Como resposta a Wast, Tiempo publica um folheto de título direto e acusatório: *La campaña antisemita y el director de la Biblioteca nacional* (1935).

Figura 1: *La campaña antisemita y el director de la Biblioteca nacional* (1935)



Fonte: Presidencia de la Nación (2023)

Comentando o livro de Leonardo Senkman, *El legado del autoritarismo: derechos humanos y antisemitismo en la Argentina contemporánea* (1995; 2021), Luis Roniger, em recente artigo sobre Tiempo, explicita:

*Según Senkman, César Tiempo fue un pensador liberal orgulloso de su herencia judía y su identidad argentina, y rechazó la posición de aquellos nacionalistas que exhortaban a los inmigrantes e hijos de inmigrantes a asimilarse al seno de la sociedad descartando las identidades étnicas.*⁶

César Tiempo tornou-se um renomado empresário cultural e mediador de ideias, uma figura fascinante que se dedicou a expandir os horizontes culturais do público leitor argentino, resgatando, desde as editoras de temas judaicos, autores e obras inéditas ou esgotadas. Entre suas diversas iniciativas, foi cofundador da editora argentino-uruguaia *Sociedad Amigos del Libro Rioplatense*, responsável pela publicação de dezenas

⁶ Roniger, 2023, p. 289.



de autores de ambas nações. Além disso, foi secretário da *Sociedad Argentina de Escritores*, integrou a *Sociedad de Autores de la Argentina* e a *Sociedad de Autores y Compositores de Música*. Amplamente reconhecido como escritor, também se destacou no rádio e no cinema, assinando seus próprios roteiros, adaptando autores nacionais e traduzindo textos de autores estrangeiros.

Rafael Manuel Cansinos Galán, filho de Cansinos Assens, criou um *blog* no qual publicou a catalogação que, entre 1998 e 2022, realizou da correspondência e dos papéis do pai.⁷ Entre esses documentos, há inúmeras referências a César Tiempo e aos reiterados pedidos que fez a Cansinos para que abandonasse a Espanha e partisse para Buenos Aires. Esses pedidos datam de 1938, 1939, 1940 e 1952.⁸

O primeiro contato entre Cansinos Assens e César Tiempo remonta, pelo menos, à publicação de *Exposición de la actual Poesía Argentina* (1927), que recebeu um artigo de Cansinos em *La Libertad* de 12 de agosto de 1927. Essa amizade continuará até a morte de Cansinos, em 1964. Segundo um dos registros de Cansinos Galán, pouco antes da morte do pai, vários amigos judeus o visitaram, provavelmente alertados por Tiempo sobre a delicada saúde do autor de *Las luminarias de Janucá*.

A estreita relação intelectual entre Cansinos Assens e César Tiempo foi um fator crucial para a divulgação e reedição dos textos do autor espanhol. Tiempo atuou como “agente literário” de Cansinos na Argentina, organizando, entre outras iniciativas, colaborações em revistas judaicas bonaerenses, como *Jerusalem*, *Comentario*, *Davar* e *Pregón*. Entre Cansinos e Tiempo, houve uma cumplicidade profunda, traduzida em apoio intelectual e incentivo pessoal. Tiempo impediu, de forma inequívoca, que Cansinos sucumbisse ao silenciamento dos temas judaicos na literatura espanhola.

Em busca do “Cansinos real”

Os dois prólogos de César Tiempo analisados neste artigo pertencem a edições argentinas de Rafael Cansinos Assens. O primeiro está na edição de *Los judíos en Sefarad* (1950/5710), publicada pela *Editorial Israel*, que, com essa publicação, inaugurou a *Colección Sefarad*. O segundo encontra-se na reedição de *Las luminarias de Janucá* (1961), lançada pela editora Candelabro, três anos antes do falecimento do autor.⁹

⁷ Um trabalho admirável e de grande valor, a divulgação e o acesso a essa catalogação merecem ser ampliados.

⁸ Cansinos Galán, 2025.

⁹ *Las luminarias de Janucá*, romance publicado em 1924, tem um enredo que antecipa alguns episódios de *Los judíos en Sefarad*.



Antes de mais nada, é fundamental ressaltar, novamente, que Cansinos Assens foi um dos muitos escritores espanhóis que, proscrito em seu próprio país após o fim da Guerra Civil (1936-1939), publica e permite a reedição de seus livros na Argentina. Esse exílio literário também foi vivido por outros autores de destaque, como García Lorca e Rafael Alberti, e é amplamente abordado em um estudo de Emilia de Zuleta (1999). Essa recepção do outro lado do Atlântico possibilitou, como afirma Tiempo,¹⁰ que pudessem “*editar aquí cinco o seis de sus libros más importantes*”, além de numerosos artigos e referências em revistas e jornais. O autor desses artigos seria o mesmo “Cansinos borgeano”?

Assim começa César Tiempo o prólogo da edição de 1961: “*Durante mucho tiempo creímos que cansinos-Assens era una invención de Jorge Luis Borges, creador de los mayores mitos literarios [...]*.”¹¹ A partir dessa confissão, Tiempo passa a considerar que: 1) Rafael Cansinos Assens, para além do mito, realmente existiu, embora tenha permanecido silencioso nos últimos anos; e 2) o mito em torno do autor de *Las luminarias de Janucá* é justificável, uma vez que em Cansinos “*se da la circunstancia verdaderamente sobrenatural del hombre que ha leído todos los libros, habla todas las lenguas y ha escrito tantas páginas como para dar vuelta al globo terráqueo*”.¹² No prólogo a *Los judíos en Serafád* (1950), lemos:

Poeta, novelista, historiógrafo, escoliasta apasionado, Cansinos domina, además, todas las lenguas que habla la humanidad, prodigio que le ha permitido, al margen de su ingente labor personal de creador, traducir y acotar el Schir ha-Schirim, las obras de Flavio Josefo, Bialik, todo Goethe, todo Dostoiewsky, al poeta persa Ferdusi, a Gorki, a Omar-al Khayan, las Mil y una noches, buena parte del Talmud y centenares de títulos más. Vale decir que el hebreo, el persa, el árabe, el alemán, el ruso, el húngaro, el turco, nada digamos de los idiomas corrientes, le son tan familiares como el español, y que en un siglo menos vertiginoso que el nuestro, el autor de El amor en el Cantar de los Cantares sería admirado y reconocido como un Pico de la Mirándola, un Maimónides o un Pascal. Lo extraordinario del caso es que el mismo Cansinos rechaza todo contacto con la erudición profesional, pues él no quiere ser considerado un comején ubicuo, una

¹⁰ Tiempo, 1961, p. 14.

¹¹ Tiempo, 1961, p. 9.

¹² Tiempo, 1961, p. 9



*maravillosa rata de biblioteca, sino un poeta cuya rosa de los vientos se abre a todos los rumbos.*¹³

Ora, se o “Cansinos mítico” já estava consagrado desde a dedicatória ao maestro escrita por Borges em *Luna de enfrente* (1925), cabe a Tiempo responder aos leitores das editoras Israel e Candelabro: existia realmente um homem chamado Rafael Cansinos Assens, ou esse nome, assim como o de Clara Beter, ocultava um sujeito inencontrável? E, caso existisse, quem seria esse “Cansinos real”, autor de livros sefarditas? Tendo isso em consideração, Tiempo intitula o prólogo que escreve para *Los judíos en Sefarad* (1950) como *El autor de “Los judíos en Sefard”*, um texto de oito páginas que apresenta esboço autobiográfico de Cansinos Assens. A resposta de Tiempo às perguntas formuladas anteriormente parece precisa: Rafael Cansinos Assens é um judeu que escreve sobre temas judaicos:

*Añada usted a esto —prosigue el autor de Oro y verde en las letras de Hispanoamérica— mis amistades públicas con las gentes de Israel, que me han valido un anatema honroso y que yo considero una de las cosas más puras y bellas de mi vida. Me enorgullezco de haber escrito libros que pueden haber contribuído a que sea mejor conocida y estimada entre nosotros el alma de una raza de mártires y de poetas, que ha dado al mundo tan grandes figuras y sigue dándoselas con fecundidad inagotable, como si toda ella fuera una élite.*¹⁴

O encarregado de ir verificar a existência de Cansinos Assens na Espanha foi Luis Emilio Soto, que, por sua vez, anos antes, havia escrito o prólogo para *Los judíos en la literatura española* (1937), livro de Cansinos publicado pela editora argentina Columna. Assim narra Tiempo esse encargo:

*Fue entonces que nuestra cofradía resolvió destacar a Luis Emilio Soto para verificar la existencia de Cansinos en su propio hinterland. Soto viajó a Madrid, recorrió sus tertulias literarias, conoció a grandes y pequeños bonetes de las letras españolas y, joh, milagro!, oyó hablar de Cansinos, pudo ubicarlo en el viso de la calle de la Morería que acupaba por ese entonces, oírlo, verlo, hablarle. Cansinos existía y, tanto, que escribió en seguida un extenso y minucioso trabajo, publicado en “La Libertad”, de Madrid, deteniéndose en todos y cada uno de los poetas que integraban nuestra “Exposición”, desde Oliverio Gironde a Lisandro Z. D. Galtier.*¹⁵

¹³ Tiempo, 1950, p. 11.

¹⁴ Tiempo, 1950, p. 13.

¹⁵ Tiempo, 1961, p. 12.



Em seguida, nesse prólogo, Tiempo repassa os encontros que se davam entre Cansinos e Soto, que, para chegar à casa do autor andaluz, atravessava o “*concilio de sombras que preside el aquelarre de la calle Segovia, cuya cuenca vista desde el Viaducto es una boca de lobo*”.¹⁶ Ao utilizar esses termos míticos, Tiempo e Soto confirmam, talvez sem surpresa, que o “Cansinos real” não anula o “Cansinos mítico”, mas, antes, o ratifica:

La habitación donde trabajaba Cansinos era estrecha y daba la impresión de serlo todavía más en virtud del diluvio de libros que contenía. Sobre el pequeño escritorio, encima de las sillas, agrupados en los estantes, formando pilas que se sostienen entre si como rodrigones, en fin, las grutas mallorquinas del Drach reconstruidas en un cuarto con rimeros de libros. [...] Frente a Cansinos, traductor máximo de cuanto idioma existe, uno se siente un libro íntegro de erratas sin defensa y se experimentan deseos de cortar nuestros ademanes como se cortarían las amarras de un buque para que no sirva de acceso furtivo a los agentes de la epidemia escrutadora [...].¹⁷

“Cansinos existía, pues. Existe. [...] Pero continúa siendo un ser sobrehumano.” Esse “Cansinos sobre-humano”, contudo, possuía uma história pessoal e familiar bastante terrena: assim como o protagonista de *Las luminarias de Janucá* (1961), Rafael Benaser, Rafael Cansinos Assens vinha de uma família de conversos, outrora detentora de títulos e benesses, mas que, devido às perseguições das quais havia sido alvo, restou-lhe apenas uma mágoa incurável e uma dor nostálgica das coisas perdidas:

Mi biografía – anota Cansinos, con su voz afelpada, en la que se remansan las palabras cruzadas de inesperados relámpagos matinales como en un cielo de montaña –, mi biografía – insiste – se reduce a unos cuantos instantes de exaltación espiritual. Una infancia triste, ensombrecida por lutos prematuros y llena del orgullo melancólico de decaídos esplendores. Unos estudios truncados y el viaje a Madrid con una madre y dos hermanas vestidas de negro.¹⁸

Os dois prólogos coincidem ao apresentar Cansinos Assens como um descendente de judeus que valoriza profundamente sua história coletiva e particular, além de se destacar como um incansável investigador de temas judaicos. Ambos sublinham, ainda, a condição de “exílio” que Cansinos experimenta dentro de seu próprio país, dada a ausência, em comparação com países como a Argentina, de circulação de revistas e livros judaicos na Espanha. Ademais, coincidem em ressaltar a figura do

¹⁶ Tiempo, 1961, p. 12.

¹⁷ Tiempo, 1961, p. 13.

¹⁸ Tiempo, 1950, p. 12.



"Cansinos mítico", ressaltando sua importância e a construção de um legado cultural e intelectual singular no âmbito do pensamento judaico em língua espanhola: *"Lo que Cansinos ponen en labios de su personaje, también escritor, se ajusta al pie de la letra a sus propias luchas como guía de la actual literatura hebreo-española"*.¹⁹ Para Tiempo, Cansinos ainda não é detentor de toda a glória que merece:

*Cansinos echa a andar, de regreso a su Tebaida florida. Sólo nosotros sabemos que cuando España reconozca a Israel, Rafael Cansinos Assens, apocrisario y ministro plenipotenciario por derecho propio de Israel en España en el presente, será por derecho propio e irrevocable, también, embajador de España en Israel. Ninguno con más títulos.*²⁰

César Tiempo encerra o prólogo da edição de *Las luminarias de Janucá* lembrando que Cansinos nasceu em Chanucá, a Festa das Luzes.²¹

O vínculo marrano

Valorizar a herança do judaísmo, filtrada pelo marranismo, é uma questão não apenas relevante para a interpretação de Cansinos Assens, mas também, considerando o impacto que os marranos tiveram nas letras hispânicas do século XX, torna-se necessário contextualizar a análise desde um vínculo marrano entre Cansinos e Tiempo.

A crescente bibliografia sobre o marranismo é um indicativo explícito do interesse que esse fenômeno desperta nos mais diversos campos do conhecimento. Da história à antropologia cultural, passando pelos estudos literários e pela teoria das religiões, praticamente todas as disciplinas acadêmicas têm voltado seu olhar para a figura do marrano.

A intolerância imposta à sociedade ibero-americana legou consequências nefastas, forçando muitos a ocultar e distorcer sua verdadeira identidade, resultando em uma população marcada pela dissimulação. Anita Novinsky descreve o cristão-novo como um indivíduo em um limbo identitário, rejeitado pelo catolicismo e distante do judaísmo, sendo considerado judeu pelos cristãos e cristão pelos judeus, um ser internamente dividido: "Não aceita o Catolicismo, não se integra ao Judaísmo do qual

¹⁹ Tiempo, 1961, p. 21.

²⁰ Tiempo, 1950, p. 16.

²¹ A Festa de Chanucá ou a Festa das Luzes, com duração de oito dias, é comemorada pelos judeus em celebração da reinauguração do Templo de Jerusalém, em 3597 do calendário judaico, ou seja, 164 a.C.



está afastado há quase dez gerações. É considerado judeu pelos cristãos e cristão pelos judeus [...]. Internamente é um homem dividido...”²²

No prefácio do livro *A ficção marrana: uma antecipação das estéticas pós-modernas*, Lyslei Nascimento²³ aborda a complexa figura do marrano, destacando seu caráter excêntrico: “A compreensão da figura ex-cêntrica do marrano [...] assume, [...], uma espécie de paradigma altamente proveitoso no estudo das imposturas, simulações e deslocamentos da contemporaneidade”.²⁴ Assim como o “Cansinos borgeano”, leitor de todos os livros que existem e decifrador de todas as línguas, o marrano emerge como uma ficção, cuja existência é definida por uma metamorfose inicial que desencadeia uma infinita capacidade de transformar a vida em uma lógica de simulacro. Essa figura prefigura o homem pós-moderno, descentralizado e com uma identidade fluida. No alvorecer da era moderna, o marrano surge como uma figura ambígua e esquiva, cuja personalidade colide com o projeto de uma modernidade unificadora que buscava silenciar as vozes da diferença.²⁵

Rafael Cansinos Assens, assim como César Tiempo – nascido Israel Zeitlin –, vivenciou uma polissemia disfarçada, sendo “um em muitos, sendo muitos em um”,²⁶ representando aquilo que não é e, simultaneamente, sendo o que não pode representar. Foster descreve esse conflito como de difícil, senão impossível, resolução. O árduo esforço para manter uma identidade judaica secreta leva o indivíduo a desenvolver uma identidade descentrada, itinerante, fugidia e fragmentada, mas intensamente consciente de suas carências e desejos.

Simular, habitar as passagens secretas de uma cultura tornada invisível, editar livros pouco lidos para editoras efêmeras, ocupar, simultaneamente, o centro e a margem, falar publicamente de determinada maneira para determinado círculo, constitui a essência desgarrada dessa figura.²⁷

Segundo Foster, a ficção marrana revela a dualidade entre os intentos do ator-escritor e as vicissitudes de uma existência que inviabiliza esse desejo. O marrano é marcado pela *hybris* de ser secretamente judeu, tentando manter-se fiel à lei mosaica, enquanto externamente é cristianizado, o que inevitavelmente influencia seu comportamento. Foster conclui que o marrano, com sua existência incompleta e descentrada, habitando simultaneamente o centro e a margem, sendo e não sendo, demonstra que o espelho

²² Novinsky, 1972, p. 162.

²³ Foster, 2006.

²⁴ Nascimento em Foster, 2006, p. 7.

²⁵ Foster, 2006, p. 10.

²⁶ Foster, 2006, p. 10.

²⁷ Foster, 2006, p. 11.



no qual o sujeito se observa não reflete uma consciência autossuficiente, mas sim sua própria cisão.²⁸ A arte do simulacro define o marrano, um personagem histórico que, insistindo em sua origem, precisa protegê-la negando-a.²⁹ Pela dissimulação, o marrano buscava preservar uma identidade que lhe permitisse, ao menos interiormente, sentir-se em paz consigo. Essa busca, na relação entre Cansinos e Tiempo, não ocorre de forma solitária e individual, mas envolve mútua aproximação.

Referências

BORGES, Jorge Luis. *Um ensaio autobiográfico*. Tradução: Jorge Schwartz. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CANSINOS ASSENS, Rafael. *Las Luminarias de Janucá*. Buenos Aires: Editorial Candelabro, 1961.

CANSINOS ASSENS, Rafael. *Los judios de Safarad: episodios y símbolos*. Buenos Aires: Editorial Israel, 1950.

CANSINOS GALÁN, R. M. Rafael Cansinos Assens, adalid de la modernidad (Biografía con información bibliográfica). Realizada entre 1998 y 2022. Disponível em: <https://cansinos.org>. Acesso em: 30 mar. 2025.

FOSTER, Ricardo. *A ficção marrana: uma antecipação das estéticas pós-modernas*. Tradução: Lyslei Nascimento e Miriam Volpe. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

NOVINSKY, Anita. *Cristãos-Novos na Bahia (1624-1654)*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

RONIGER, L. Leonardo Senkman, César Tiempo. Los arrabales de un judío errante. *Prismas*, v. 27, n. 1, 2023. Disponível em: <https://prismas.unq.edu.ar/OJS/index.php/Prismas/article/view/1295>. Acesso em: 24 mar. 2025.

TIEMPO, César. *Querido Zeitlin: correspondência (1930-1976)*. Prólogo: Solana Schvartzman. Buenos Aires: Eudeba, 2022.

TIEMPO, César. Clara Beter. In: BETER, C. *Versos de una...* Buenos Aires: Ameghino, 1998.

ZULETA, Emilia de. *Espanoles en la Argentina: El exilio literario de 1936*. Buenos Aires: Atril, 1999.

Enviado em: 10/04/2025

Aprovado em: 30/04/2025

²⁸ Foster, 2006, p. 14.

²⁹ Foster, 2006, p. 15.